

## MESA REDONDA 07: Abordagens psicoterapêuticas: aproximações com a Musicoterapia

### Abordagens psicoterápicas: aproximações com a musicoterapia

Marly Chagas<sup>12</sup>

Gostei muito da ação apontada pelo título dessa mesa: aproximações. A ocorrência de aproximações implica em traduções diversas, em possibilidades de encontros de múltiplos tipos. Aproximar inclui outras tantas estratégias: afastar, observar, cheirar, tocar, invadir, recuar. Aproximar psicoterapia de musicoterapia é casamento antigo, inclusive em minha vida pessoal, já que exerço ambas as funções na minha prática clínica. Desde já, então, estabeleço o lugar de onde discuto essa questão: Sou uma profissional da clínica interessada nas construções da subjetividade, da coletividade e das expressões singulares em musicoterapia e em psicoterapia.

De início chama a minha atenção uma situação curiosa: podemos aproximar a psicoterapia da musicoterapia, mas o musicoterapeuta, por razões da legislação brasileira, não poderá ser um psicoterapeuta. O musicoterapeuta que se anunciar como psicoterapeuta poderá ser chamado aos Conselhos de Ética de medicina ou de psicologia para se explicar quanto ao uso ilegal de uma técnica exclusiva de médicos e psicólogos. Ora, então, como denominaremos o que praticamos neste campo, já que as purificações - nesse caso a legislativa - só fazem aumentar as misturas? Chamamos de musicopsicoterapia ao que fazemos, isto é utilizamos a música com finalidades de terapia do psiquismo.

Então, aproximamos em psicoterapia e musicoterapia as teorias que iluminam parte de uma determinada prática.

A utilização de uma teoria, qualquer teoria, nos coloca face a questão de que

“todo conhecimento, inclusive toda percepção é tradução e reconstrução, isto é, interpretação. Uma realidade de conjunto só se manifesta através de teorias, interpretações, sistemas de pensamento. Todo conhecimento de uma realidade política,

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Musicoterapeuta. Professora da graduação e da pós-graduação em musicoterapia do CBM-CEU. Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

<sup>2</sup> Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq): Cultura Contemporânea, Subjetividade, Conhecimento e Tecnologia na linhas de pesquisa “ •. Produção de Subjetividade na Sociedade Tecnológica” do programa EICOS/IP/UFRJ coordenado pela dra Rosa Pedro. Email: [marlychagas@alternex.com.br](mailto:marlychagas@alternex.com.br)

econômica, social, cultural depende de sistemas de interpretação da política, da economia, da sociedade, da cultura, sistemas que são interdependentes de um sistema de interpretação da história”. (Mourin, E. Kern, A. B., 1995, p 131)

Ou seja: uma teoria não é a realidade, já que esta escapa das mãos com teimosia vital... Precisamos, então, conceber um conhecimento, não apenas como o que se estabelece apenas intelectualmente, mas como uma prática viva. Nosso ofício de musicoterapeutas, exercido em espaço tão amplo de intercessões, práticas, instrumentos, necessidades heterogêneas, é um campo aberto ao entendimento, à discussão, à troca de impressões e de idéias. Na musicoterapia, as teorias psicoterápicas podem se fazer presentes com força tanto quanto as teorias de reabilitação, as de saúde coletiva, as da antropologia do som, as musicológicas - só para citar algumas. Observando nossas práticas musicoterapêuticas – mesmo que exclusivamente as que denominamos de musicopsicoterapêuticas, temos um trabalho desafiador: o de discutir proposições tão diferentes e, simultaneamente, tão próximas no objetivo de escutar e entender o outro, o de partir de um lugar de interconexão entre arte e terapia. É a mesma tarefa a mim proposta nesta mesa.

Como metodologia para essa discussão, adoto o proposto pelo filósofo francês contemporâneo Michel Serres<sup>3</sup>. Entrevistado por Bruno Latour, Serres afirma que: “A crítica não é jamais fecunda, e a avaliação da ciência não é sequer possível, dada a rapidez com que ela varia. Embora estimada na instituição, a crítica é fácil, temporária, fugidia, rapidamente fica fora de moda( 1999, pp 72-73)”. Com essa posição, não se esquiva da reflexão crítica de seu próprio trabalho, mas enfatiza a inoperância da crítica ao pensamento, à teoria e à ação do outro. Logo, acredito, com Serres, ineficaz criticar, ou ir atrás de alguma possibilidade de contradição ou de ineficácia para a musicoterapia na aproximação com qualquer uma das abordagens aqui colocadas. Todos esses conceitos nos são úteis e enriquecedores. O que fará, então, um debatedor nessa mesa? Inspira-me a posição proposta por Suely Ronik, segundo a qual a teoria é percebida como um elemento de cartografia, entendendo a cartografia por esse desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação de paisagem, sendo tarefa do cartógrafo “dar língua aos afetos que pedem passagem” (1989). No nosso caso, muitos afetos pedem passagem. Afetos de

---

<sup>3</sup> SERRES, M *Luzes* – cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo, Ed. Unimarco, 1999)

interesse, de cuidado para com os nossos clientes. Afetos de potencialização da música e de nossa tarefa de musicoterapeutas, afetos de trocas e de buscas de novos sentidos. Dar língua aos afetos, dar-lhes copo, intensificar suas potências.

“Cantar, é mover o dom  
do fundo de uma paixão  
Seduzir, as pedras, catedrais, coração”<sup>4</sup>

Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (...) o problema, para o cartógrafo, não é o do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. (Rolnik, 1989)<sup>5</sup>.

As teorias, em psicoterapia só nos valem se tornadas vivas em nossas práticas clínicas, se encharcam de expressividades, de múltiplas intensidades, tornando-se passagens entre nossas ações clínicas e a produção de territórios existenciais. É forçoso lembrar que nosso trabalho é realizado em uma intensa mediação de novas tecnologias, em verdadeiras redes sócio-técnica (o termo é de Bruno Latour<sup>6</sup>), com muitos nós e interligações envolvendo atores humanos e não humanos, tais como os instrumentos musicais, os cds, as instituições que trabalhamos, as políticas públicas, as perspectivas éticas, a associação a qual estamos filiados, os encontros de estudo propiciando fluxos, circulações, alianças, movimentos. Essa rede complexa configura-se de maneira altamente instável e dinâmica com trocas intensas entre os vários pontos, conexões e atores. Nossa rede de ação é potencializada pela utilização da arte que, em nossa clínica, traz uma possibilidade do exercício de inúmeras

---

<sup>4</sup> Seduzir- Djavan

<sup>5</sup> <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf#search=%22suely%20Rolnik%20cartografia%20sentimental%22-> capturado em agosto de 2006

<sup>6</sup> LATOUR, B. *A Ciência em Ação*. Paris: Pandore, 1990.

intensidades, de inusitados corpo a corpo, de produção de vários corpo-obra, que se constituem em um fazer musical amplo: cantar, tocar, escutar, dançar, chorar, dar gargalhadas, compor. A arte produz afecções no sentido espinosiano da palavra que lhe dá Deleuze e Guattari, a arte produzindo potências, ampliando intensidades, provocando fluxos de sensibilidade. Sofremos tal impacto com a experiência musical e a produção de nossas subjetividades que muitas lógicas surgem para explicá-las: *“Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”*. (Rolnik).

O reverso desse verso é que uma teoria importada de outro campo de saber serve para fertilizar, expandir, iluminar o nosso campo, mas também pode amesquinhar a nossa perspectiva, abortar a nossa prática, confundir as nossas múltiplas saídas. Algumas vezes encontramos situações em que musicoterapeutas, tomados de encanto pela articulação teórica com uma abordagem psicológica esquece-se dos outros processos desencadeados pela arte, perdendo-se em uma verborragia estéril. Marco Antônio Carvalho Santos, no XII Fórum de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro, em mesa redonda que tratou do mercado de trabalho para o musicoterapeuta, lastimou: *“Muitas vezes constatamos que o musicoterapeuta traz as concepções de saúde para a arte, mas não leva a arte para as concepções – e práticas- de saúde”*.

Estar entranhado em um campo da natureza do nosso é lidar com o desejo em uma perspectiva, que diz respeito, em última instância, “à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa (Rolnik). Aportamos no lugar encaminhado pelo movimento de nossas simpatias, de nossas alianças, de nossas crenças e de nossas artes. Escolhemos, e produzimos, os nossos mundos e as nossas certezas. E esse é o ponto de nosso maior desafio: nas aproximações com qualquer abordagem teórica ou técnica precisamos produzir a nossa mistura, facilitar o movimento das teorias que passam por nós, guardando delas o que nos interessa. Com essas estratégias, inclusive com discussões e trocas semelhantes a esta que estamos exercitando neste Simpósio Brasileiro, poderemos traçar novos panoramas de compreensão deste lugar do entre: entre a música e a terapia, entre a reabilitação e a música, entre a arte e a ciência entre eu e o outro, construindo, sempre, esse instigante conhecimento: a musicoterapia

E, por fim, não podemos nos esquecer que a nossa prática na construção desses mundos e na facilitação das manifestações dos afetos e da vida, a nossa prática como musicoterapeutas é também uma construção política. Como é política a aproximação, como é política a tradução que passa pelo meio das situações, coisas, música, teoria, Como é político estar aqui, costurando sentidos, potências e vínculos. Política no

sentido do esforço de tradução se desloca nos grupos (Latour, 2004) ; na efetivação do fazer elo entendimento do sofrimento humano, da compaixão, da paixão, do singular e do coletivo; na abertura de espaços nos espaços públicos, na aplicação da musicopsicoterapia na saúde mental, na saúde do trabalhador, nas políticas junto a infância , aos idosos, a saúde da família. Político no combate ao desânimo tanto quanto no combate a arrogância. Político ao “debulhar o trigo/ recolher cada bago do trigo/ forjar no trigo o milagre do pão/ E se fartar de pão. / Decepar a cana/ recolher a garapa da cana/ roubar da cana a doçura do mel/ se lambuzar de mel

*Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão<sup>7</sup>*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G, GUATTARI, F. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

LATOUR, BRUNO. “Se falássemos um pouco de política?” *In Política e Sociedade/ Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós – Graduação em Sociologia Política – v.1, n. 4 (2004) Florianópolis: EFSC: Cidade Futura, 2004 . pp 11 -40*

MOURIN, E. KERN, A. B . *Terra Pátria*, Sulinas: Porto Alegre, 1995

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SERRES, M *Luzes – Cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo, Ed. UNIMARCO, 1999)

---

<sup>7</sup> Cio da Terra – Milton nascimento e Chico Buarque.